

PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PROCESSO FORMATIVO DA ENFERMAGEM EM HOSPITAL DE ENSINO NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL

Gabriela Lima Gonçalves - MPG¹ (gabriela_lima_gon@hotmail.com)
Edsaura Maria Pereira – IPTSP/UFG² (edsauramaria@gmail.com)
Marilucia Batista A. Silva – NESC/UFG³ (mariluciab@hotmail.com)
Linamar Teixeira de Amorim – NESC/UFG³ (linamarta@gmail.com)

Introdução

Desde a criação do sistema de saúde brasileiro, a educação é vista como uma ferramenta primordial para concretizar a implantação dos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que pode contribuir para a melhoria da qualidade da atenção à saúde. Nesse contexto, a enfermagem, por representar o maior contingente de profissionais na área da saúde e possuir ampla atuação no SUS, deve receber uma atenção especial no processo de formação profissional. Foi atribuído ao SUS, a responsabilidade de ordenar a formação profissional dos recursos humanos para a saúde e, os hospitais de ensino, têm ganhado visibilidade nos estudos sobre a temática, por serem espaços de educação e formação de recursos humanos e apresentarem predomínio da enfermagem no seu quadro de servidores. O trabalho como prática social depende de uma articulação entre ações educativas para a formação e capacitação dos profissionais e a inserção nos serviços de saúde (Merhy; Feuerwerker; Ceccim, 2006). Portanto, as atividades educativas desenvolvidas no ambiente de trabalho devem ter como base uma visão crítica sobre este processo e ser realizada de forma contínua para que possa promover transformações no serviço. A Educação Permanente em Saúde (EPS) aparece como uma proposta de ação estratégia que visa romper com as ações educativas tradicionais e promover o desenvolvimento dos trabalhadores da saúde, com novas metodologias, que priorizam a implicação pessoal, coletiva e institucional com os processos de mudança. Essa proposta surgiu a partir da aprovação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS) criada pela Portaria nº 198/GM no ano de 2004 (BRASIL, 2004a), e busca promover a articulação entre o ensino, a atenção, a gestão e a participação para que a prática e a formação profissional em saúde sejam lugar de atuação crítica, reflexiva, propositiva, compromissada e de alta responsabilidade com o acolhimento, a resolutividade e o desenvolvimento da autodeterminação dos usuários (CECCIM; BRAVIN; SANTOS, 2009). No que se refere, especificamente, a educação dos profissionais de enfermagem nos hospitais, a literatura apresenta que existem problemas na efetivação das ações, evidenciando as necessidades de modificações no desenvolvimento dessas práticas de modo, a atender os princípios do SUS (JESUS et al., 2011). Nesse sentido, esta investigação pretende responder que práticas formativas/educativas se desenvolvem com profissionais de enfermagem em um hospital público de ensino? Como são definidos os temas para planejamento das práticas formativas/educativas? A pesquisa foi desenvolvida com base no referencial teórico de formação profissional, educação permanente e educação continuada.

Objetivo

Conhecer o processo formativo/educativo desenvolvido com profissionais da enfermagem de um hospital da Região Centro-Oeste do Brasil.

Metodologia

O estudo foi realizado de janeiro de 2015 a setembro de 2017, em um hospital público de ensino, considerado um centro de referência da Região Centro-Oeste para o atendimento de média e alta complexidade de pacientes do SUS. Utilizando abordagem qualitativa, do tipo descritivo exploratório, com emprego da análise de conteúdo, método que, segundo Minayo (2014), promove uma concepção particular e profunda dos fenômenos sociais em questão. Para coleta de dados utilizou-se técnicas de investigação documental e entrevistas semi-

¹ Ministério Público de Goiás

² Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública/Universidade Federal de Goiás

³ Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva/Universidade Federal de Goiás

estruturadas. Foram realizadas análises dos registros das atividades educativas e de entrevistas com enfermeiros gestores e líderes responsáveis pelo processo formativo da equipe de enfermagem. As informações coletadas foram sistematizadas em categorias para análise dos conteúdos, seguindo os postulados de Bardin (2011). Atendendo aos princípios éticos da pesquisa, todas as informações coletadas foram utilizadas apenas para objetivos acadêmicos.

Resultados e Discussão

Os resultados mostram que as práticas educativas são realizadas com a equipe de enfermagem, a partir das necessidades identificadas por chefes/líderes, acadêmicos e trabalhadores. As ações educativas são realizadas com o intuito de subsidiar os profissionais para a qualidade da assistência. Contudo, prioriza-se o desenvolvimento dos conhecimentos teóricos e técnicos, para a inserção de novos equipamentos e prevenção de erros e falha na assistência. Predominam as metodologias tradicionais de ensino. A análise dos modelos de práticas educativas nas entrevistas identificou as categorias empíricas: confusão conceitual entre EPS e EC, fragilidade de articulação das práticas educativas entre os diversos setores. Os relatos evidenciam que devido à baixa complexidade das atividades realizadas pelos técnicos, esses não são estimulados a adquirir novos conhecimentos, podem contribuir assim, para um processo de trabalho centrado na divisão técnica e distante de uma assistência integral e resolutive. Pode-se inferir também, que o modo como está sendo desempenhado o trabalho favorece a atuação mecânica do trabalhador que não reflete sobre sua prática e não detecta a necessidade de mudanças de comportamentos e posturas. Os dados mostram que o processo de educação é realizado sem articulação entre os setores do hospital e com o departamento de gestão e pessoas. O trabalho em saúde é heterogêneo e complexo, visto que o seu desenvolvimento depende do estabelecimento de relações entre os profissionais, usuários, familiares, gestores e comunidade. Essa interação entre as diversas áreas/setores contribui para que os saberes específicos se completem no trabalho coletivo (MONTANHA, 2008). Há fragilidade do hospital na articulação entre os diversos setores no desenvolvimento das ações educativas. Os enfermeiros consideraram as atividades educativas ainda muito incipientes, realizadas de forma pontual e sem vínculos com as necessidades locais. Segundo Pinto et al (2015), a implantação de uma comissão de educação permanente resolutive e operante nas instituições hospitalares pode contribuir nas condutas dos profissionais de enfermagem no escopo de qualificar melhor suas ações no cuidado. As ações educativas desenvolvidas pelo hospital, contemplam, prioritariamente, a equipe de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem). Processo formativo em equipe possibilita o desenvolvimento de relações mais coesas entre os profissionais e estimula o enfrentamento dos problemas do cotidiano de trabalho coletivo. A participação acadêmica ocorre nesse processo, devido ao vínculo do hospital com as universidades, que durante os estágios detectam problemas locais no serviço e planejam atividades educativas em conjunto com os enfermeiros formadores para construir alternativas de enfrentamento adequadas a cada realidade. O desenvolvimento de pesquisas nas unidades de saúde também favorece a interação do ensino com os serviços de saúde, pois os resultados encontrados nos estudos podem servir de subsídios para as correções dos problemas identificados na prática profissional. Nesse contexto, podemos inserir ainda a residência multiprofissional em que profissionais com diferentes formações transitam entre diversas áreas e articulam seu conhecimento específico repercutindo na prática do trabalho (SILVA et al., 2016). Contudo, os depoimentos apresentam indícios que as ações educativas desenvolvidas na instituição estão distanciadas das necessidades dos usuários, pois nenhum relato refere à escuta dos usuários e sua participação no levantamento das necessidades. As ações de enfermagem devem ser construídas de modo compartilhado com o usuário, centrando-o como sujeito da assistência ao invés de objeto de trabalho. Demandas externas, como as da vigilância sanitária, foram importantes para desencadear práticas educativas pois, a partir dessas, foram geradas mudanças no processo formativo dos profissionais. Nas atividades educativas desenvolvidas há um predomínio das metodologias tradicionais e inexistência de avaliações sistemáticas. Observou-se que a metodologia utilizada não atende aos pressupostos que contribuem

para a discussão, análise e reflexão sobre as práticas realizadas no cotidiano do trabalho e também que as avaliações são realizadas de maneira informal, a partir de observações da prática diária, por meio da correção de erros, mudanças de atitudes e melhora da qualidade da assistência prestada. Quanto ao planejamento das atividades identificou-se a ausência de programação prévia das mesmas. As entrevistas apontaram o déficit de recursos humanos, a falta de apoio da gestão, o desinteresse em aprender e a perspectiva de implantação da educação permanente, como justificativa para essa ausência da programação das atividades e registros. A falta de apoio da gestão tem sido identificada como obstáculo ao desenvolvimento das atividades educativas, para tanto a gestão participativa pode ser vista como uma estratégia para amenizar esse entrave, visto que possibilita a descentralização das decisões e a aproximação de toda equipe de trabalho. Todos os envolvidos no processo educativo (profissionais, instituições de ensino, gestão e usuários) precisam atuar de maneira ativa e criar em conjunto mecanismos que possa auxiliar na redução dos entraves que prejudicam o desenvolvimento da EPS e sua consolidação como prática educativa no hospital. A pesquisa demonstrou que a educação permanente não pode ser vista como uma realidade consolidada na instituição, visto que os responsáveis pela formação ainda estão se organizando e planejando estratégias para sua implantação nos setores do hospital. Embora existam fatores que dificultam a realização dos processos formativos com os profissionais de enfermagem no hospital, os dados analisados demonstram os esforços e o interesse da equipe em promover a inserção da educação permanente como prática educativa.

Conclusão

Com base nos resultados desse estudo foi possível observar que o hospital de ensino ainda não conta com uma proposta sistematizada e fundamentada de educação, sendo realizadas várias modalidades educativas (treinamentos, educação continuada, capacitação), no entanto já inicia um processo de implantação da educação permanente para os seus profissionais. A ausência de registros das atividades evidencia que as ações não ocorrem de forma planejada, sendo realizadas de forma não periódica e voltadas para as necessidades prioritárias do momento, prática esta atribuída devido à falta de recursos humanos, sobrecarga dos enfermeiros formadores e pouco apoio da gestão. Esses entraves devem receber uma atenção pelos gestores da instituição, para possibilitar o desenvolvimento dos seus profissionais da enfermagem e promover uma assistência de qualidade que atenda aos princípios do SUS. Os princípios e diretrizes que norteiam a EPS não estão claros para alguns enfermeiros formadores, que geralmente os confundem com as premissas da educação continuada e capacitação. Nesse sentido, considera-se fundamental que os profissionais e gestores estejam direcionados para o fortalecimento das políticas de formação profissional e compreendam suas diferenças para que possam exercê-las de forma efetiva em seu cotidiano de trabalho. Os profissionais devem estabelecer espaços de fala e escuta para a fortificação do vínculo com o usuário, que permitam identificar as necessidades dos mesmos, bem como obter um “feedback” sobre os cuidados prestados com o intuito de repensar a sua atuação. Portanto nesse cenário, competência técnica somente não é suficiente, as práticas educativas devem favorecer o desenvolvimento das habilidades interpessoais no sentido de integrar as relações entre os profissionais da equipe como também com o usuário. As instituições devem oferecer condições para a educação permanente dos seus profissionais, o que implica em investimentos em recursos humanos, infraestrutura e uma política institucional, de modo a promover, uma assistência de qualidade com foco nas necessidades dos usuários. A perspectiva de implantação da EPS como modelo de prática educativa, demonstra a preocupação em estimular o aprendizado significativo e a reflexão sobre a prática profissional, de modo a promover uma assistência de qualidade e que atenda as necessidades dos usuários do Sistema Único de Saúde. O desenvolvimento de programas comprometidos com a inovação e a transformação dos processos de trabalho é imperativo para a melhoria do serviço e conseqüente melhor atendimento às necessidades da população. A produção científica nacional relacionada ao levantamento das necessidades das práticas educativas é escassa, podendo indicar que esse fator, ainda não adquiriu muita

visibilidade perante os pesquisadores. Sugere-se dessa forma, que outros estudos sejam desenvolvidos no sentido de aprofundar as reais necessidades de formação profissional, a partir da equipe assistencial, possibilitando a construção de agendas de educação, de forma ascendente e que priorize as ações de maior impacto para a transformação de práticas de saúde. Nessa perspectiva, os resultados obtidos nesse estudo, podem subsidiar o desenvolvimento das práticas educativas no cotidiano do trabalho, de modo que permitam aos trabalhadores aprimorarem os saberes e os conhecimentos e, também, incorporarem em suas atuações os princípios e valores que orientam o SUS.

Palavras-chave: Equipe de Enfermagem, Hospital de Ensino, Educação Permanente em Saúde

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70. ed. Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Grupo Almedina, 2011. 279 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento da gestão em educação na saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Portaria nº 198/GM/MS de 13 de fevereiro de 2004. Brasília, 2004a.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis - Rev. Saúde Coletiva*, v.14, n.1, p.41-65, 2004.

CECCIM, R.B; BRAVIN F.P; SANTOS, A.A. Educação na saúde, saúde coletiva e ciências políticas: uma análise da formação e desenvolvimento para o Sistema Único de Saúde como política pública. **Lugar Comum UFRJ** [periódico na internet]. 2009.

JESUS, M.C. P. et al . Educação permanente em enfermagem em um hospital universitário. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1229-1236, Oct. 2011.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, p. 407, 2014.

MONTANHA, D. Análise das atividades educativas de trabalhadores de enfermagem em um hospital de ensino: público participante, levantamento das necessidades e resultados esperados. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, F.M.C.S.N; FERREIRA, E.C; RUFINO, N.A; SANTOS, M.S,S. Educação permanente e qualidade da assistência à saúde: aprendizagem significativa no trabalho da enfermagem. **Aquichan** [Internet]. v. 11, n. 1, p. 48-65, 2011.

SILVA et al. Avaliação da educação permanente no processo de trabalho em saúde. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 3, p. 765-781, set./dez. 2016.